

A vitória do socialismo frances.

Os judeus da minha geração, para os quais Blum se confunde com o seu despertar para o engajamento político, e para os quais Mendes-France marca a única alternativa válida ao sionismo depois da fundação de Israel, o fato de Pierre Mauroy se ter referido a estes dois judeus ao assumir o governo, (e a mais ninguém), tem peso simbólico. Por certo: os judeus da minha geração são remanescentes da solução final, e foram espalhados mundo afora, como convém a cinza funerária, que é o que são sob o ponto de vista da história. E cinza não pesa muito. Não obstante: o ponto de vista aqui assumido pode interessar, na medida em que revela aspectos nem sempre acentuados.

Tres problemas distintos, mas interligados, surgem sob tal enfoque: (1) Qual é a posição da França no universo de tais pessoas, (judeus nascidos em torno de 1920)? (2) Qual é a posição do socialismo em tal universo? E (3) Que modificações sofreram tais duas posições no curso da vida de tais pessoas? Sem querer arrogar-me o direito de falar em nome desses punhados de cinza, (em Israel, nos Estados Unidos, na própria França, alhures), procurarei dizer como vejo a coisa:

(1) Para o judeu da minha geração há duas Francas, ambas extremamente importantes: a da Revolução e da emancipação dos judeus, e a de Dreyfuss e de Vichy. A primeira França significa que os judeus podem ser reconhecidos enquanto parte integrante, e extraordinariamente ativa, da cultura do Ocidente. A segunda França significa que tal integração é precária, e que provoca mecanismos de rejeição no corpo de tal cultura.

(2) Para o judeu da minha geração o socialismo é o único método válido de integração no contexto da sociedade, e isto por duas razões distintas: (a) porque o socialismo, (ao contrário do liberalismo), integra os judeus, não enquanto burgueses, (em sua maioria), ou proletariado, (em minoria), mas enquanto gente. E (b) porque o socialismo, (ao contrário do liberalismo), não se envergonha do antissemitismo, mas o combate.

(3) Há, no entanto, para os judeus da minha geração, evento que problematiza tudo isto: a União Soviética. Tomada, na juventude, como sede do socialismo, com os processos de Moscou como inversão do socialismo em seu oposto, com a aliança Stalin-Hitler como ameaça de extermínio, e com a presente onda de antissemitismo como porta-voz de perseguições futuras. Pois a França, tanto a da Revolução quanto a de Dreyfuss, mantém relações duvidosas com a União Soviética, essa nossa inimiga objetiva e subjetiva. E as mantém precisamente por ser ela a França da Revolução, e a França de Dreyfuss. E o socialismo mantém relações duvidosas com os comunistas, esses aliados da União Soviética, precisamente por ser socialista. Nem a França, nem o socialismo, compartilham com os judeus da minha geração o horror do amor treído. Por isto nem a França, nem o socialismo, podem ocupar mais as posições no universo de tais judeus que ocupavam na sua mocidade.

Tais problemas são muito mais profundos que as questões que a presente vitória de Mitterrand coloca. Trata-se realmente de vitória do socialismo, ou simplesmente de repúdio ao sistema precedente? Poderá vingar o socialismo na conjuntura atual, ou provocará ele, pelo contrário, uma direita mais acentuada, (Chirac),

a medio prazo? Conseguira o socialismo absorver o comunismo frances, e destarte acabar com essa anomalia na sociedade desenvolvida, ou cairá ele, pelo contrario, vitima das chantagens dos comunistas? Tais questoes, (e outras semelhantes), sao de somenos, se comparadas com os problemas enumerados. Porque, para os judeus da minha geracao se poe, em undecima hora, o seguinte desafio: devo ou nao engajar-me em tal aventura que esta despontando?

Parece sumamente ingenua tal pergunta, tal entusiasmo mal reprimido. Como: com a idade e experiencia que minha geracao acumulou, ainda restariam resquicios de esperanca para mudar "para melhor" este miseravel mundo dos homens? Depois de Auschwitz? Depois de Hiroshima? Depois do que aconteceu e do que esta acontecendo nos paises ditos socialistas? Depois de Israel ter revelado quais as raizes profundas do sionismo? E, sobretudo, se o participante da minha geracao tiver tido experiencia concreta com o terceiro mundo, depois da ideologizacao louca das camadas "concientes" dessas massas oprimidas e sofredoras? Nao e o caso de retirar-se sobre si proprio, lamber as feridas, e dar gracias a Deus que nao mais se estar por ai, quando acontecera o que acontecer deve?

No entanto, ha algo no judeu da minha geracao, algum impeto, algum resto de decencia, que o impede a ficar quieto quando coisas como a vitoria do socialismo frances acontecem. Talvez, por se tratar de geracao que foi nutrida de "valores" passados pelo banho purificador da Primeira guerra. Talvez, por tratar-se de geracao, a qual, a rigor, deveria ter sido exterminada, e a qual portanto se sente devedora pelo acaso imerecido de ter sobrevivido. Nao importa porque: ha algo em nos que vibra em simpatia com o evento.

Pois como engajar-se no socialismo, quando este nao rompe com o comunismo? Como engajar-se na Franca, que agora virou a da Revolucao e da emancipacao, quando se trata de sociedade sempre pronta a compromissar com meus virtuais assassinos? Por outro lado: como nao engajar-se, quando o socialismo nao apenas proclama, mas sinceramente procura realizar, tudo que se sabe ser decente? Como hao engajar-se em uma Franca, a qual, talvez unica entre os "poderes", parece visar sinceramente colaborar no estabelecimento de uma ordem mais justa e humana no mundo? E, sobretudo, como nao engajar-se nisto, quando se sabe tratar-se de oportunidade derradeira e fugaz para o engajamento?

Por certo: o fato que vivo, por acaso, em Franca, marca as reflexoes torturadas que estou submetendo ao leitor judeu brasileiro. Mas nao creio que tal acaso geografico influi, decisivamente, sobre o dilema. Onde quer que se encontre um judeu da minha geracao, sentira o mesmo desafio. Porque a historia, que ele compartilha comigo, e mais forte que a geografia. E na historia, e nao na geografia, que sopra o vento do espirito que nos propela a decidirmo-nos e a agir-mos. Sei que se estivesse ainda em S. Paulo, reagiria da mesma maneira como roajo aqui, isto e: confuso.

Ha situacoes nas quais a unica decisao possivel e a de pular na agua fria cabeça primeiro. Outras, nas quais e preciso pesar os pros e os contras. A vitoria do socialismo frances me parece pertencer a primeira categoria. Mas, paradoxalmente: ainda nao sei se pularei ou se ficarei na sombra com agua fresca.